



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

DOC 63/4

JUSTIFICATIVA

A presente propositura visa homenagear uma importante personalidade da nossa sociedade, sua trajetória de vida é um exemplo a ser seguido. Ela se tornou a primeira mulher negra a exercer o cargo de magistrado, e a primeira a dar uma sentença tendo como base a Lei do Racismo no Brasil, uma incansável defensora da raça negra, e das minorias, a Excelentíssima Magistrada de Direito do Estado da Bahia Luislinda Dias de Valois Santos.

Nascida no dia 20 de janeiro de 1942, a homenageada destacou-se com distinção em todas as áreas em que se envolveu durante a vida: jurídica, cultural, e social.

A juíza baiana Luislinda Valois, decretou a primeira sentença aos 9 anos, numa aula de matemática. A filha de Luiz, motomeiro de bonde (responsável por recolocar o carro elétrico no trilho), e da costureira Lindaura estava contente com o compasso de madeira que seu pai havia comprado à custa de muito suor, quando o professor viu que o material não era de plástico, soltou: "Você não devia estar estudando, e sim cozinhando feijoada para branca!".

Luislinda Valois deixou a sala de aula chorando, envergonhada. Valente, tomou coragem e retornou falando: "Não vou parar. Vou estudar para ser juíza e prender o senhor". Ainda hoje, 60 anos depois, os olhos da primeira juíza negra e de cabelo rastafári do Brasil se enchem de lágrimas ao lembrar da cena que definiu seu futuro.

Na escola, era a primeira da sala. Antes de cursar Direito, foi eleita Miss-Mulata Bahia e estudou teatro e filosofia. Em 1991 passou em primeiro lugar em um concurso nacional para a Advocacia Geral da União (AGU). Virou juíza em 1984 e até hoje não abre mão de seus colares de conta do candomblé nas audiências. "Só de olhar, sei se uma testemunha vai mentir", garante.

O trauma infantil despertou o furor, que fez dessa soteropolitana, de 69 anos, uma profissional ávida por justiça. Primeira juíza negra e primeira profissional da área a proferir uma sentença contra o racismo no Brasil, Luislinda trabalhou no interior baiano até ser promovida, em 1993, para Salvador.

Luislinda não é mulher de desonrar palavra, mas resolveu usar o poder com pessoas que precisavam mais, ela criou, em 2003, o projeto Balcão de Justiça e Cidadania (em parceria com a Fundação Norberto Odebrecht), que resolve conflitos de populações de bairros pobres de Salvador, áreas de remanescentes dos quilombos e comunidades indígenas.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Combater o racismo dentro e fora da magistratura e tornar a Justiça acessível a todos são seus desafios constantes.

Ela reativou dezenas de Juizados Especiais em municípios da Bahia e criou e instalou a Justiça Itinerante, sala de audiência dentro de um ônibus que atende os bairros carentes de Salvador e Feira de Santana, e o Juizado Itinerante Marítimo, que conduz profissionais até as ilhas da Bahia.

O Programa Justiça, Escola e Cidadania, idealizado por ela, atingiu mais de 5 mil estudantes. Sua militância também se estende à escrita: publicou o livro *O Negro no Século XXI*, uma reflexão sobre a participação dos afrodescendentes na sociedade atual.

Luislinda dá palestras em escolas públicas para que os jovens conheçam seus direitos e deveres.

Por feitos como esses, tem passagem livre em lugares como o bairro da Paz, a região mais violenta da capital baiana.

A autora do livro *O negro no século XXI*, publicado em maio deste ano pela Juruá Editora. A obra reúne artigos sobre temas variados como cultura, educação, políticas públicas, justiça social e religião, todos mediados pela experiência negra no país pós-escravidão.

Luislinda já não participa dos projetos que criou, escreve um livro sobre a influência negra nas metrópoles e passa férias na casa do único filho, o promotor de justiça Luis Fausto, em Aracaju (SE), com suas duas netas.

Em casa Luislinda sempre falou para eles que ser negro é maravilhoso. Mas também que não era para deixar ninguém tomar conta deles. “Sou muito séria nas minhas posições. Não posso vacilar, afinal sou negra, pobre, vim da periferia, sou divorciada e ainda sou rastafári”, brinca.

No Dia da Consciência Negra (20 de novembro) ela foi uma das principais homenageadas no evento realizado na Praça Castro Alves, em Salvador, para celebrar a negritude.

Assim, rendendo homenagens a eclética personalidade da Excelentíssima Magistrada Luislinda Dias de Valois Santos, solicito o apoio dos nobres pares para a aprovação da presente propositura.